

Jornal de todos os Brasis, 15 de Novembro de 2022

## **Análise: mudanças na acumulação de capital, legislativo e sociocultural serão tensões permanentes no Governo Lula**

*As pesquisas eleitorais mostraram um profundo corte na questão da renda, divisão de classe social, regionalidade, gênero e racial.*

Por: Marcus Atalla

Entender o momento histórico atual é elemento fundamental para se entender os possíveis cenários de um novo Governo Lula. Desconsiderar a mudança do ciclo histórico no Brasil e no mundo pós-2014, acarreta análises políticas equivocadas sobre a realidade atual.

Após o resultado eleitoral, o Instituto de Economia da UFRJ promoveu o evento, “Eleições e o Futuro Governo: Uma Avaliação Preliminar”. Os palestrantes foram o Prof. Jairo Nicolau, pesquisador do FGV, e o vice-diretor do IE-UFRJ, Eduardo Costa Pinto, pesquisador em economia política brasileira e internacional, e o bloco no poder no acúmulo capitalista.

Para Eduardo, avaliar o resultado eleitoral trouxe a capacidade de se compreender o novo perfil médio do eleitor brasileiro. Sobretudo, após a quebra nas expectativas criadas a partir das pesquisas eleitorais, as quais sinalizavam um voto muito menor no Bolsonaro. A diferença entre os votos em Lula e Bolsonaro foram pequenas, mas refletem e expressam os interesses e a nova configuração de uma sociedade brasileira partida.

A divisão social não é por essa lógica inventada de uma polarização. A divisão que estamos vivendo, não é apenas a fake news stricto sensu, nem é apenas discursiva. Fake news e polarização só colam se tiver fundamento em algum grau da realidade. As pesquisas eleitorais mostraram um profundo corte na questão da renda, divisão de classe social, regionalidade, gênero e racial.

Na leitura de Eduardo, foi a eleição que mais explicitou um voto articulado com a questão de classe. Essa eleição refletiu o que é hoje a sociedade brasileira, quer se goste ou não. Nunca se jogou tanto dinheiro às vésperas de uma eleição. Houve transferência direta do governo; aumento de auxílios, orçamento secreto, transferência de renda a setores específicos; além da compra direta do voto nas pequenas prefeituras. Mesmo assim, a população de mais baixa renda, de 1 a 2,5 salários mínimos, não votou no Bolsonaro. O efeito da derrama foi pequena, principalmente no Nordeste.

O voto de parte do andar de cima e das camadas sociais médias foram predominantemente no Bolsonaro e pelo mapa territorial, ficou claro que do Centro-Oeste ao Sul há um voto articulado do agronegócio que vai além do bolsonarismo. Nas regiões em que o agronegócio é muito forte, houve um desenvolvimento econômico durante o Governo Bolsonaro, o que gerou empregos e renda. Esses votos tiveram uma conexão com os interesses imediatos da população.

Nos anos 90, os votos no PT eram concentrados nas camadas médias, servidores públicos e num perfil específico em alguns espaços territoriais. O Nordeste não votava no PT, foi só após os governos petistas que os eleitores de baixa renda passaram a votar no Partido dos Trabalhadores, o que André Singer chamou de realinhamento eleitoral.

A hipótese levantada por Eduardo é haver uma reconfiguração no andar de baixo da sociedade, uma “mexida das placas tectônicas”. São mudanças ainda não compreendidas plenamente, efeitos da incorporação pela via da renda,

acesso a determinados bens básicos, acesso à Universidade e a espaços que uma enorme parte da sociedade sempre foi deixada de fora.

Link para a matéria original:

<https://jornalggn.com.br/analise/as-tensoes-permanentes-no-governo-lula/>